



12º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

MARATONISTA

Autor(es)

DANIEL CERATO GERMANN

Contos / Crônicas

Maratonista

Numa tarde de primavera, avistei, de minha varanda, o célebre maratonista. Surgia pelo caminho acidentado, entre as marés de trigo vacilante, sófrego, perseguido por três cães negros a meia dúzia de passos. Ostentava uma barba branca, olhos opacos – acinzentados, numa tênue lembrança azul – e roupas chamativas, com largas listras estampadas que destoavam de nosso marasmo poeirento e abandonado.

Tive de correr para cumprimentá-lo; instigava-me aquele que pisara os seis continentes em sua marcha contínua. Qual não foi minha surpresa ao ser recebido com um sorriso amável – ele tão famoso e conhecido –, ainda que estranhasse a obrigação de acompanhar seu movimento: a pausa estimulava ameaças ladradas na retaguarda. Era curiosa a sua subordinação àqueles animais – que presumi serem seus, e que, sob o meu relho, não ousariam erguer os focinhos –, mas pouco importava; queria era interrogá-lo antes que o fôlego me impedisse:

– Como é que é isso de atravessar o mundo, hein? É gostar de uma corrida, seu!

– Gostar? Não corro por gosto, meu amigo. Eu sou o protagonista desta história, deste mito da vida. Corro porque tenho de correr!

– Como? "Mito da vida"?

– Isso aqui tudo, o que se pode ver e o que se esconde... Não passa de uma encenação permanente; uma alegoria sobre como vivemos cada dia.

Calei-me; parecia que interrogava um demente.

O homem insistia em sua explicação e oferecia detalhes. A estrada, segundo ele, quando tocada por seus pés, materializava a própria existência, e percorrê-la era alcançar, de uma só vez, a criação inteira.

A responsabilidade de sua corrida, seu símbolo, era o alerta mudo da perseguição incipiente, que se revelava em cada diferente indivíduo, assumindo, entretanto, sempre os mesmos papéis, incidentalmente repetidos. Era o pai de família mal empregado, sem tempo para o futuro; o tímido, temeroso de solidão, que mais se isolava; a dinastia descartável das libélulas; a flor que desabrochava para ser colhida. Assim era a vida, de um e de todos, um círculo frustrante e inexorável. E os ferozes cães, que o acompanhavam ao encalço, mostrando os dentes, e que deixavam pelo trajeto um rastro de baba, estes eram os anseios agudos, os inconformismos, as revoltas; era por causa deles que corria – sem nunca realmente alcançar.

Não pude mais me conter:

– Vai mais devagar, que eu não aguento, tchê... – puxei-lhe a barra da camisa. – Olha, eu não sei o que é que tu andou fumando, mas... Não é assim que a coisa funciona.

Argumentei em favor da persistência necessária para a superação dos obstáculos; ofereci meu deboche cauteloso a respeito da ciclicidade fatídica e fictícia que ele tão arduamente defendia, retrucando, em seguida, com evidências acerca do caos e do individualismo. Mas nada o convencia, convicto, e suas respostas eram superficiais – talvez conhecedor da fama do gaúcho, que sempre glorifica as próprias verdades. Seguíamos, assim, num caminhar apressado e cordial, até que os argumentos elevaram-se ao metafísico:

– Tá, então me diz uma coisa... Se tu é "ô cara" e isso aqui é um mito, o que é que sobra pra mim? Por que eu tô aqui?

– Você é um coadjuvante – respondeu, pausado, a mão complacente em meu ombro. – Mais um dentre tantos.

– Boa, boa. Excelente. Então quer dizer que Deus me colocou aqui, e disse "Ó, vive esses anos aí, mas é só pra tu encontrar aquele cara, tá? Só ele é que é importante." É isso?

– Não exatamente, mas sim, essa é a sua função em nossa realidade construída.

– E o cara insiste. Não sei nem como tu tem coragem de ficar falando uma asneira dessa – respondi numa risada impaciente.

– É a verdade. Nada mais. Se duvida, então me responde: o que é que você estava fazendo uns dez ou quinze minutos antes de eu passar por aqui?

– Bom, eu tava comendo uma bergamota, dando uma lagarteadada...

Nada, nada mais me surgia. Intriguei-me; o mundo, de repente, surgia sob o olhar do estranhamento. Percebi-me casado com uma companheira desconhecida; morava numa estância que me era uma incógnita; nem mesmo as roupas do varal reconhecia... Quem seriam meus vizinhos, minha família? Teria calos nas mãos, cobertores guardados, sonhos febris e impossíveis?

– Qual o seu nome, meu amigo? – perguntou-me com um sorriso aplacador, compaixão no limiar da simpatia.

Ensaiei uma resposta, mas não pude completá-la, não foi possível. O coração bombeava num ímpeto avassalador; a respiração desobedecia. O tato perdera-se, insensível, e o equilíbrio cedia ante a realidade esmagadora, que se apresentava fugaz, em instantâneos entrecortados. Minha memória apagara-se; ou talvez, mais certo, nunca tenha existido. Seria isso? Minha história era um roteiro estereotipado, bem definido, mas inócuo, portanto inverídico e inútil?

Ele fitava-me, confiante, enquanto minha personalidade-personagem escancarava-se indiscutivelmente; eu era qual um padre ou um rabino que adentrava o bar da piada, o caçador da fábula, o taxista da crônica... Ou nem mesmo isso talvez.

O homem afastou-se como veio, cumprindo seu destino eterno. Ensurdeci ante sua despedida; travado, não respondi ao seu aceno.

Apenas permaneci, atônito e contemplativo, enquanto o admirava imergir entre as curvas do campo, marchando sobre o cascalho e a terra vermelha. Foram os seus pés que vi por último, esbranquiçados pela opressão solar, cadarços levitando serenos, oscilando docemente no movimento cadenciado, enquanto a fidelidade de cada sentido esvaía-se qual aquarela diluída a cada centímetro de seu distanciamento...

Fernando Mattos